

“Ponta pé inicial: o Programa Ampliar e o Futsal entram em quadra”

Liliane Santos Sousa

Algumas justificativas

Ingressei na prefeitura no ano de 2010. Desde então, não *via à hora* de ser a professora regente e com a carga completa. Pois logo percebi que não é tão simples assim, ingressar e atribuir as aulas. Sou professora de Educação Física e a terceira a escolher numa escala de quatro professores(as). Minha situação há dois anos é professora em módulo (CJ¹).

No segundo semestre do ano passado atribuí às aulas da professora que estava de licença maternidade. Em fevereiro deste ano, retomamos as atividades e eu novamente “caí” para o módulo. Passei algumas semanas refletindo sobre a minha nova realidade (financeira principalmente) e o único pensamento era deixar minha unidade escolar e atribuir aulas em outra unidade. Porém, a gestão apresentou-me sucintamente o *Programa Ampliar*².

Depois de muitos cálculos para saber se valeria tanto esforço, escrevi o projeto e apresentei a equipe gestora. Antes de dar início, a coordenação alertou-me os prós e os contras do Programa Ampliar. Em plena sexta feira aceitei o desafio!

Este relato de prática está sendo desenvolvido na EMEF Marechal Espiridião Rosas desde março de 2012 com estudantes do ciclo I. O projeto de futsal faz parte do Programa Ampliar que possui um conjunto de ações no contra turno escolar com o objetivo de desenvolver um trabalho de integração junto à comunidade escolar. Dentre as ações, temos o incentivo ao esporte escolar.

Em uma das reuniões de formação na DRE (Diretoria Regional de Educação) ouvi um colega de profissão utilizar uma expressão que me motivou (e motiva) nesta jornada: “*Justiça curricular*”. Desde que ingressei nesta escola, jogar futebol é solicitado por um grupo, mas temido pelos professores da área. Agora chegou à hora do jogo com os pés ganhar espaço entrar na quadra.

Embora a escolha desta manifestação corporal tenha partido dos estudantes, foi influenciada pela minha trajetória como torcedora e praticante desta modalidade.

¹ Complementação de Jornada

² Este programa permite que o aluno tenha atividades diversas como: aulas de recuperação paralela, de xadrez, bandas, fanfarras, criação de rádios escolares, uso educativo de mídias sociais e acesso ao esporte no contra turno escolar.

Uma das preocupações apontadas pela equipe gestora era que o projeto tivesse início imediato e que acontecesse ao longo de todo o ano. Para isto precisava (e preciso) assumir estratégias que garantam a presença efetiva dos alunos (as) ao longo do projeto.

Por isto, a primeira estratégia utilizada foi escolher uma pratica esportiva que o grupo demonstrasse interesse, segunda estratégia foi propor um horário próximo ao horário de aula, e terceiro, delimitar a idade mínima para participação. Alguns participantes moram próximo à escola, mas a maioria utiliza o TEG³. Por isso, a idade mínima estabelecida foi de dez anos, pois estes tem autorização dos responsáveis para fazer o trajeto a pé.

O projeto visa compreender a modalidade futsal e, portanto, uma das formas é a vivência pratica nas aulas. As mesmas acontecem no contra-turno do horário escolar. Aí, me veio o primeiro desafio estrutural. Nossa escola ainda não tem vestiário (chuveiro), e como os participantes sairiam da aula de futsal e seguiriam suados⁴ para a sala de aula?

Pois bem, nossa escola fica do lado do Clube Escola. Conversei com a gestão para solicitar parceria junto ao clube e assim, o problema estaria solucionado. Fizemos o ofício e entregamos ao responsável pela utilização do espaço. Na semana seguinte, o vestiário já estava disponível para o uso. E sem duvida, o banho⁵ após aula causou algumas inquietações (ou perturbações) para aquelas crianças.

Neste mês, a nossa escola deu inicio a uma grande reforma física e o por onde passávamos e tínhamos acesso ao vestiário está sendo usado para estocar os materiais usados pela equipe de engenharia. Por isso, o acesso ao vestiário não pode ser feito pelo portão de dentro da escola. A nossa única opção seria reduzir o tempo de aula e dar a volta pelo quarteirão. Para isto acontecer, seria preciso mobilizar alguns funcionários da escola para acompanhar neste percurso. Optamos por suspender o banho temporariamente.

³ Transporte Escolar Gratuito.

⁴ Esta é uma reclamação constante dos professores de sala.

⁵ No vestiário masculino, os chuveiros não estão separados por divisórias, o banho é coletivo e todos tiveram que tomar banho juntos.

Projeto Futsal: melhores momentos

A escola busca sempre novos elementos para proporcionar aos estudantes mais do que entender palavras e gestos. Por isso, está proposto o desafio de fazer uma leitura crítica sobre o futsal.

Este projeto visa oferecer aos alunos (as) a oportunidade de conhecer mais profundamente seu próprio repertório cultural. Sendo a escola um espaço legítimo para esta prática corporal, vemos a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a modalidade futsal, tão solicitada pelos alunos (as).

Desde a origem do Futsal até os dias de hoje, esta prática esportiva passou (e ainda passa) por diversas mudanças, atraindo mais praticantes e não poderia ser diferente com as crianças desta comunidade.

A prática do Futsal nesta comunidade é algo que merece ser ampliada, aprofundada e ressignificada. O programa é realizado na própria Unidade Escolar e em parceria com o Clube Escola. Os encontros acontecem quatro vezes por semana, no contra-turno do horário escolar. Os mesmos foram inscritos e autorizados pelos pais ou responsáveis.

Dentre os objetivos, destaco: apreciar a modalidade futsal, considerando seus aspectos técnicos e táticos, compreender e aceitar diferentes níveis de habilidade como uma construção cultural e conhecer o contexto histórico desta prática esportiva.

Esclarecido isto, relato nas linhas abaixo o que tenho feito para alcançar estes objetivos. Lembrando que é um trabalho ainda em andamento e a prática provoca me constantes reflexões. Neste projeto, poderemos problematizar algumas questões que permeiam esta prática corporal.

Dito isto, dou início ao relato...

Cheguei à escola meio dia “cravado”, fui procurar as inspetoras de alunos para avisar que iríamos iniciar as aulas de futsal e que alguns alunos apareceriam mais cedo que o de costume. Passaram-se alguns minutos e nenhum aluno apareceu. Fui na quadra e não vi ninguém. Comecei a pensar o que havia de errado, já que na sexta-feira (quando passei nas salas para divulgar o início do projeto) os alunos pareciam muito interessados em participar.

Comecei a pensar nas estratégias para divulgar melhor o projeto. Fui para a sala de informática fazer os cartazes de divulgação. Meio dia e vinte minutos a inspetora

veio nervosa me procurar. Ela me disse: “*tem uns alunos correndo pelo pátio, eles são seus?*”. E eram!

Corremos para a quadra. Pareciam uns astronautas: meião, calção acima do umbigo e o tênis era dois números maiores! Quando avistei os alunos, observei que a maioria estava com um adesivo⁶ no nariz. Aproximei e perguntei: “*pra que que éisso?*” e me responderam : “*Para respirar melhor, o Neymar usa*”. Naquele momento comecei a pensar no que estas crianças esperavam do projeto. Por que utilizariam um suposto adesivo para respirar melhor? Seria responsável por coordenar um treinamento físico exaustivo? Estavam pensando num espaço para formação de atletas? Comecei a me preocupar, mas não disse nada.

Questionei sobre o atraso e a explicação foi unânime: “*Prô, a culpa é da perua!*”. Isto porque, a maioria dos alunos do ciclo I vai para a escola de TEG. Expliquei que se quisessem participar teriam que chegar no horário, mesmo sem o TEG.

Expliquei rapidamente sobre o projeto, a sua duração, algumas regras e combinados para o bom convívio entre os participantes. E solicitei que divulgassem para os demais colegas. Enquanto conversávamos, para a minha surpresa (e alegria), marcaram presença quatro meninas. Elas pararam timidamente no portão da quadra, observaram e entraram. Logo ouvimos os comentários de alguns meninos: “*O que elas estão fazendo aqui?*”, “*Professora, menina pode?*”. E um aluno retrucou: “*a professora já disse que elas também podem jogar*”.

E iniciei o questionamento: “*Eu sou menina e jogo, tem algum problema?*”. Alguns riram e responderam: “*E que você é professora e joga bem, elas não*”. Indaguei: “*E elas não podem aprender a jogar com vocês? Elas querem aprender, por isso estão aqui, e é para isto que serve o projeto*”. Neste momento percebi que os meninos calaram se, porém estavam dispostos a provar que aquele espaço não era para elas.

Recolhi as autorizações amassadas e confirmei a matrícula. Muitos me pediram pra participar todos os dias da semana. Disse que na primeira semana poderiam ir todos os dias, mas depois cada um no seu horário, por causa da logística (almoço, banho e aula).

⁶ Band - aid é utilizado para fazer curativo. Mas os alunos acreditavam que teria o mesmo efeito do dilatador nasal (“respire melhor”)

Foi feito um momento de conversa sobre os conhecimentos acerca da modalidade futsal. Feito isto, apresentei a quadra (recém inaugurada) e as linhas que delimitam o espaço.

Expliquei como seria a nossa rotina de aula, que acontece da seguinte maneira: conversa, situações didáticas que priorizem a vivência e compreensão do jogo, coletivo, recados finais, banho e almoço.

Sugeri (já no primeiro encontro) um jogo coletivo para saber como jogam e entendem a modalidade. E logo me veio o pedido: *“professora, tira o time!”*. Pedi que se organizassem e procurassem formar duas equipes equilibradas. Mesmo tendo feito esta solicitação, as brigas iniciaram por causa da presença dos não tão habilidosos. Depois de muito diálogo, chegaram a um consenso. Este jogo foi filmado e depois assistido pelo grupo.

Na mesma semana, um fato importante aconteceu: a nossa escola estava mobilizada para três dias de Greve dos professores da prefeitura. Providenciei os bilhetes alertando e esclarecendo aos pais e participantes os motivos da adesão à Greve.

Ainda estava insegura por causa da ausência das crianças nesta semana de paralisação. Mesmo assim, aproveitei este acontecimento para discutir com o grupo sobre o que estava acontecendo na escola e os reais motivos da adesão ao movimento.

Como o Programa Ampliar, as aulas precisam ser repostas. Sugeri amistosos entre as turmas, a idéia foi aceita por todos (aparentemente).

Ao todo, estão inscritos no projeto 32 crianças. E a maioria é tachada como bagunceiro e frequentadores assíduos da sala da direção. Apesar do sucesso do projeto, percebi que pelos corredores o “futsal” incomodava algumas pessoas. As reclamações eram diversas:

“Eles chegam aqui dez horas da manhã e ficam aqui enchendo o meu saco.”

“Engraçado e que eles vem pro futsal e não vem pro reforço.”

“Se não se comportar tem que tirar do futsal.”

“Pro reforço não vem por que não tem perua, mas pro futsal vem à pe.”

Comecei a pensar sobre estas falas e buscar soluções para estes conflitos. Muitos deles travado com os professores. Conversei com a equipe gestora e solicitei que não utilizassem o futsal para punir os participantes, deixassem que eu tomasse a decisão

da exclusão ou não no projeto. Afinal, eram fatos acontecidos fora do horário de aula, mas a desculpa era punir com algo que eles gostam.

Apesar de não ter aulas atribuídas, estruturei o meu horário de modo que pudesse coincidir com o horário coletivo (JEIF⁷ e PEA⁸). Outra estratégia utilizada para firmar o projeto é a participação como membro do Conselho de Escola e APM⁹. Nestas reuniões são decididas, principalmente, destino de verbas e prioridades nos gastos. É um espaço para apresentar à comunidade escolar os projetos em andamento na escola.

Utilizei estes “momentos” para conversar sobre o projeto, seus objetivos e algumas ações. Este dialogo me lembrou a luta que a Educação Física Escolar sofre dentro da escola para legitimar se como área do conhecimento. A luta é constata e árdua.

Voltando as quadras...

Na aula seguinte, apresentei a filmagem do jogo da aula passada. Enquanto assistiam à partida, problematizei alguns assuntos relevantes como: Quais estratégias uma equipe precisa ter para vencer um jogo? Como se defender? Como atacar?

Foram convidados a analisar as jogadas e opinar sobre a movimentação em quadra, ressaltando os pontos positivos e negativos. A partir disto, as equipes puderam reorganizar as novas estratégias de ataque e defesa.

Vale ressaltar que em nenhum momento os estudantes estão em situação de treinamento físico com foco no alto rendimento, visando à melhoria da capacidade físico-motora ou formação de uma equipe para competir e representar a escola em campeonatos externos. Embora, muitas vezes, tenha que reverter esta expectativa por parte dos participantes e da comunidade escolar.

O plano de aula é guiado pelas necessidades dos(as) alunos(as). A cada aula, diversas situações problemas são sinalizadas, e procuro retomar e dar elementos para reflexões.

Para repor os dias da Greve dos professores, foram marcados três amistosos as Sextas Feiras. No primeiro amistoso: Turma 1¹⁰ X Turma 2¹¹, solicitei que viessem no horário do projeto e com a autorização em mãos. Aos poucos foram chegando. Alguns

⁷ JEIF - Jornada Especial Integral de Formação.

⁸ PEA - Projetos Especiais de Ação.

⁹ Associação de Pais e Mestres.

¹⁰ Frequentam o projeto nos seguintes dias da semana: Segunda feira e quarta feira.

¹¹ Frequentam o projeto nos seguintes dias da semana: Terça feira e Quinta feira.

alunos foram intimidados pelos colegas, fazendo com que optassem por ficar de fora do jogo e fazer parte da equipe de arbitragem (mesário, cronometrista e arbitragem).

Cada equipe informou os nomes dos jogadores e o nome da equipe ao mesário. E neste momento, iniciou a discussão. Os meninos disseram que o nome do time era Reis do Futsal, porém as meninas também faziam parte desta equipe e não queriam ser chamadas de “Reis”. Sugeri que colocassem Reis e Rainhas do Futsal. Mas depois de muito embate, mais uma vez os meninos inibiram as meninas. Eles diziam: “*Só desta vez, no próximo a gente coloca*”.

Antes de iniciar o jogo, pedi para que se juntassem para uma foto. Rapidamente se abraçaram e fizeram pose de atleta profissional.

Dei início ao jogo. Muito nervosismo, afinal toda a escola estava sabendo deste primeiro amistoso. Muitos xingamentos e palavras de ofensa aos que cometiam erros ou desperdiçavam chances de gols. Destaco algumas expressões e gestos feitos durante o jogo, tais como: beijar a bola, fazer sinal da cruz depois de uma chance de gol, comunicação com a torcida e utilização de coreografia para comemorar um gol. Ao longo da partida, percebi que estavam com muitas dúvidas em relação às regras do Futsal.

No final da partida, conversei e comuniquei que tínhamos que conhecer mais sobre as regras para dar continuidade ao projeto. E um aluno preocupado disse: “*Mas nos iremos jogar depois da aula de regras? Ou só teórica?*”. Neste momento, pedi que não faltassem, pois seria um encontro para tirar as dúvidas sobre as regras e ao final da aula entregaria algo em mãos. Saíram da quadra confabulando o que eu traria de surpresa na próxima aula.

No dia da aula teórica, apresentei as principais regras e percebi que estavam inquietos. Mas não participavam da aula, e aquele (a) que questionava algo que eu dizia, era fortemente criticado pelo restante do grupo. Afinal, quanto mais tempo ficassem sentados escutando a minha fala, menores eram as chances de irem para a quadra jogar. Apesar da tentativa de “boicote” à aula teórica, lancei algumas situações problemas numa partida de futsal e desafiei a turma. Neste momento perceberam a importância de compreender as regras. No final da aula, entreguei para cada um (a) a foto tirada no jogo passado.

Durante as aulas, percebi que os alunos compareciam diariamente no horário da aula de futsal para fazer a aula com os colegas, mesmo sem ser a turma em estava inscrito. Porém, superlotava a turma. Sugeri que poderiam vir no horário, mas não

fariam a aula com os demais, mas que poderiam assistir na arquibancada ou jogar livremente na quadrinha ao lado. Alguns preferem ajudar arbitrando o coletivo.

Alguns alunos do período da manhã pediram para marcar um amistoso com a turma do futsal. Apresentei a idéia aos alunos (as) e marcamos a data. O professor de Educação Física do Ciclo II escolheu alguns alunos. Informei que as equipes poderiam ser mistas, pois algumas meninas da 5ª series haviam manifestado interesse em participar, mas não foram chamadas.

Com a turma do futsal, fiz uma escala de convocação para participarem dos próximos amistosos. O único critério utilizado para a “seleção” foi a participação nas aulas. Um dia antes dos amistosos, colocava a lista dos convocados (as) fixado na parede. Os alunos que não tinham problemas com faltas e não dependiam de transporte para chegar a escola eram convocados para jogar. Alguns me pediam para arbitrar, ser mesário (a), cronometrista. Os demais ficavam na torcida apoiando o time.

A escola mais uma vez estava mobilizada por causa do jogo. Pedi para que um dos alunos filmasse a partida. A equipe gestora compareceu para prestigiar o evento. Neste dia, as meninas foram convocadas, mas não se apresentaram. Alegaram compromisso no mesmo horário. Interessante foram os comentários dos meninos em relação à ausência de uma das meninas: “*A Nicolly poderia jogar hoje de zagueira, ela joga direitinho*”, “*Ela ia dividir todas*”. Nota se neste discurso uma aceitação maior da presença desta menina no grupo, que motivou a participação de outras meninas, e hoje contribui para aceitação feminina neste espaço ainda predominantemente masculino.

Fim de jogo. Placar final: vitória por 8 X 1.

Neste momento as crianças já estavam aguardando a saída dos alunos da quadra. Após a rápida conversa com o grupo, todos foram para o pátio e subiram no palco central. Os demais estudantes (que estavam no pátio próximo à saída) cantavam, dançavam e abraçavam os alunos que jogaram e venceram a partida. Na saída, o time visitante saiu ao som de vaias. Não tive tempo de agradecer a presença. Saíram ao som de: “*Ih fora Ih fora*”. No dia seguinte, toda a escola estava sabendo da goleada.

Demos continuidade às aulas, mas ainda eufóricos (as) com a vitória no ultimo jogo, o pensamento já era de marcar outros amistosos com outras equipes do bairro¹².

¹²Frequentes do CEU Jaguaré e do Clube Escola são os mais citados pelo grupo.

Algumas ações estão previstas para o final deste semestre. Uma delas é a visita ao Museu do Futebol, onde será possível ressignificar a história do nosso futebol através das salas temáticas que exploram os bastidores desta prática corporal: história, regras, atletas profissionais, atletas amadores, torcidas, mídia, treinadores, curiosidades, entre outros. Além das fotografias, vídeos interativos, exposições, palestras, e também da visita às arquibancadas do estádio do Pacaembu.

Uma solicitação dos (as) alunos (as) é a confecção das camisas que identifique os como um time. Para isto, faremos um bazar beneficente. Conseguimos doações e tudo será vendido na Festa Junina da escola. Parte do dinheiro arrecadado será utilizado na compra das camisas personalizadas e o restante será gasto com atividades no segundo semestre de 2012.

No final do ano, coletivamente, as turmas que participam do projeto organizarão um pequeno festival (campeonato) para demonstrar o que aprenderam ao longo do ano, além de participarem da organização de amistosos contra times da escola, times do bairro e convidados. Participam desde a elaboração do convite, divulgação e organização do espaço.

O Programa Ampliar está em andamento e os desdobramentos serão apresentados no IV SEMEF.

Referências bibliográficas:

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física.** 1998.111f. Dissertação de Mestrado –Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental.** Revista Motriz, São Paulo, v.8, n.1, p.1-9- Jan- Abr.2002.

DAOLIO, Jocimar. **A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”.** In: *Cultura: educação física e futebol.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.p. 73-83.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Rev. Bras. Hist., São Paulo, v.25 n.50, p.315-328, Jul/Dez. 2005.

NEIRA, Marcos Garcia. **Pedagogia da Cultura Corporal: Crítica e Alternativa,** Ed. Phorte,

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física.** São Paulo: SME/DOT, 2007. 104.

SOUSA, Liliâne Santos. **Futebol feminino no país do futebol: trajetórias de jogadoras de um time de futsal.** 2009. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.